

## A “EXPRESSÃO” NOS VÍDEOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS

JÚLIA HORII BERNARDINO<sup>1</sup>; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – horijulia@gmail.com1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – tblebedeff@gmail.com<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do artigo produzido na minha participação como bolsista CNPQ do projeto Obalibras, do Centro de Letras e Comunicação (CLC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A proposta do projeto é a criação de vídeos enquanto materiais didáticos para o ensino e o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A escolha do uso de vídeos se dá em razão de que a Libras é uma língua de modalidade viso-espacial que necessita de diferentes materiais didáticos para seu ensino (SILVA, 2020). Por exemplo, não há a disponibilidade de um livro didático “escrito em Libras”, os estudantes utilizam repositórios digitais, aplicativos, plataformas de vídeos, entre outros, para estudar e pesquisar conteúdos sinalizados.

Durante minha participação no Obalibras, escrevi um artigo do tipo Estado do Conhecimento sobre o uso de vídeos no ensino de Libras, classificando em categorias os resultados encontrados. Uma das categorias envolve os vídeos enquanto Tecnologias de Informação, Comunicação e Expressão (TICEs), separando-os em “compreensão textual” e “expressão”, ou seja, se foram usados no intuito dos alunos apenas interpretarem o vídeo ou se foi usado com um intuito de, além da interpretação, expressar algum posicionamento ou elementos de uma cultura na comunicação, também para fins didáticos. Martins (2018) argumenta que “as TICE apresentam muitos espaços de escrita em que é possível a expressão de um posicionamento crítico (postura) e a construção de sentenças argumentativas para defendê-lo (...)” (p.74).

No que diz respeito à “Expressão” e à Libras, é possível encontrar trabalhos acadêmicos que discutem como esses dois temas se relacionam, como a dissertação de Schallenberger (2010) que analisa expressões da comunidade surda em vídeos do Youtube através do humor. Considerando que a “Expressão” é sobre a manifestação de uma cultura, o autor considera o valor cultural dos materiais que analisou em sua dissertação e relata que assistir a esses vídeos é ter uma experiência visual surda, uma vez que contém traços culturais específicos dessa comunidade. A expressividade, nessa língua, é a sinalização, a produção viso-espacial. Nesse sentido, percebe-se a importância da criação e da produção de vídeos, tanto vídeos como materiais didáticos (produzidos por docentes, pesquisadores, entre outros), bem como por estudantes, que vão expressar seus conhecimentos nesta língua.

Dito isso, a categoria das TICEs, na minha pesquisa do Estado do Conhecimento, buscou compreender quantos trabalhos utilizaram dos vídeos enquanto compreensão textual dos alunos nas aulas de Libras e quantos utilizaram dos vídeos como expressão dos alunos por meio da Libras, seja como método avaliativo ou não. Aqui, neste trabalho, irei discutir os resultados que obtive para a produção do artigo. O foco será, principalmente, nos trabalhos acadêmicos que

abordam o vídeo enquanto “Expressão”, dentro da categoria criada, lembrando que o artigo produzido tem foco em vídeos enquanto materiais didáticos.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa produzida durante minha iniciação científica foi de cunho qualitativo, de tipo bibliográfica (PAIVA, 2019), mais especificamente é uma pesquisa de Estado do Conhecimento que, de acordo com Liz (2013), é um tipo de pesquisa cujo caráter é bibliográfico e possui a função de mapear as produções científicas de determinado tema. Para isso, realizei um levantamento de trabalhos acadêmicos (artigos, teses e dissertações) em três plataformas de busca: na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Catálogo de Teses e Dissertações – Capes, e no Portal de Periódicos da Capes, por meio do acesso da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe). Os trabalhos escolhidos para minha amostra foram aqueles publicados dentro do período de 2010 a 2020 por dois motivos: o primeiro é pela popularização e pelo aumento do uso de *smartphones/tablets* com fácil acesso à internet, possibilitando o envio de vídeos e filmagens caseiras entre as pessoas, bem como a publicação desses vídeos em redes sociais e outras plataformas; o segundo motivo é pela formação da primeira turma de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2010 (LOPES; PEGO, 2014), inserindo tanto no mercado de trabalho quanto na pesquisa acadêmica diversos profissionais da área. A princípio, o número de trabalhos acadêmicos do levantamento foi de 35, dentre artigos, teses e dissertações. Para uma primeira análise, fiz uma breve leitura dos textos para me certificar de que os trabalhos estavam de fato relacionados com a temática da pesquisa. Após isso, o número de trabalhos que se encaixaram com o tema da pesquisa do Estado do Conhecimento caiu para 11.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o resultado total do levantamento sendo 11 trabalhos, fiz a separação em categorias para poder discuti-los melhor a partir disso. Na categoria das TICs, os trabalhos considerados enquanto “Expressão” resultaram em 5. Desses trabalhos, dois possuem um público alvo infantil, um trata da criação de um programa piloto para crianças surdas sobre a contação de histórias da literatura oral nordestina, e o outro discute a compreensão de crianças surdas sobre fábulas em vídeos sinalizados. Os outros 3 trabalhos possuem como público alvo estudantes ouvintes de graduação, dentre estes, dois utilizam a produção de vídeos como método avaliativo e o outro é um estudo de caso sobre a produção de vídeos, enquanto objetos de aprendizagem, do projeto Obalibras, escrito por Silva (2020).

Esses trabalhos acadêmicos foram considerados enquanto “Expressão” pela função que os vídeos exerceram. Em ambos os trabalhos com público alvo crianças surdas, os vídeos tem como função uma contação de histórias. Na dissertação de Schulze (2015), histórias da literatura oral nordestina foram adaptadas à sinalização, o que valorizou tanto suas características regionais quanto possibilitou uma abertura através de e para uma nova cultura. Já a dissertação de Nichols (2016) contou com a compreensão de crianças surdas ao assistirem diferentes modelos de vídeos sinalizados por ouvintes e surdos, sem passar essa informação às crianças. O resultado foi que as crianças preferiram a história com o sinalizante surdo, tanto pelo

protagonista da fábula ser um personagem surdo – o que o autor considera de extrema importância, uma vez que ajuda a criança a encontrar sua identidade surda – quanto por relatarem uma clareza na sinalização e naturalidade da expressividade.

Já nos trabalhos cujo público alvo são os ouvintes, a dissertação de Silva (2020) fala sobre a criação de vídeos realizados por roteiristas surdos e aborda algumas questões culturais da comunidade surda, ou seja, pode-se considerar uma expressão, uma manifestação, de características dessa cultura e de sua língua em uso. Os outros dois trabalhos, um artigo de Nogueira e Cabello (2016) e a dissertação de Albuquerque (2017), utilizam o vídeo como ferramenta avaliativa de estudantes ouvintes de Libras. Ambos os trabalhos relatam que após a produção do vídeo, foi perceptível uma melhora na sinalização dos alunos, que puderam observar a si mesmos e suas posturas, expressões faciais, movimentação de braços e mãos e corrigir ou melhorar sua sinalização quando aparentavam muito tensos ou com uma movimentação rígida. A produção de vídeos por parte dos alunos ajudou-os a sinalizar de maneira mais expressiva e mais natural.

#### 4. CONCLUSÕES

Dentro da amostra que obtive, os resultados classificados enquanto “Expressão” não foram baixos, visto que constituem quase metade do resultado total. Entretanto, considerando que foi uma amostra pequena, é possível afirmar que a quantidade de trabalhos acadêmicos que abordam vídeos enquanto “Expressão” para o ensino e aprendizado de Libras não foi um número significativo em um âmbito nacional, considerando um período de 10 anos de publicações. Há trabalhos acadêmicos que discutem vídeos em Libras enquanto “Expressão” da cultura surda mas nem sempre são considerados materiais didáticos. Considero a junção entre essas duas abordagens importante para a aquisição de uma língua viso-espacial pois toda língua faz parte uma cultura, ao aprender uma língua estamos, também, conhecendo uma nova cultura e, no caso das Línguas de Sinais, a expressividade registrada em vídeo pode contribuir para que o estudante compreenda melhor aspectos pragmáticos, sintáticos, culturais, entre outros, dessa língua.

Sendo assim, a “Expressão” nos vídeos sinalizados é relevante tanto para uma questão de pertencimento cultural quanto para um melhor conhecimento linguístico, político e social da Libras.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, T. R. **O vídeo como ferramenta de avaliação da aprendizagem de Libras na formação de professores**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2017.

LOPES, B.; PEGO, C.F. Reflexões acerca do curso de Letras Libras e suas contribuições para a construção de novas perspectivas de educação a distância. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.42, p.46-55, 2014.

MARTINS, E. C. O ensino de língua materna, as novas práticas digitais do WhatsApp e o desenvolvimento da argumentação escrita. In: GOULART, C.; SANTOS, G. L. (Orgs.). **Tecnologias e Comunicação Pedagógicas**. Brasília: Viva Editora, 2018. Cap.4, p.73-99.

NICHOLS, G. **Literatura surda: além da língua de sinais**. 2016. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NOGUEIRA, A.; CABELLO, J. O trabalho com narrativas audiovisuais no ensino de Libras como L2 para ouvintes. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 320-347, 2016.

PAIVA, V.L.M.O. Métodos de pesquisa qualitativa. In: PAIVA, V.L.M.O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. Cap.4, p.59-103.

SCHALLENBERGER. A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHULZE, V. P. **Quem souber que conte outra: produção de um programa audiovisual para crianças surdas com acessibilidade para ouvintes**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão nas Organizações Aprendentes) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Nas Organizações Aprendentes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, I.G. **Produção e avaliação de vídeos sobre cultura surda para o ensino de libras na graduação: um estudo de caso do Obalibras**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologia na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologia na Educação, Instituto Federal Sul-riograndense.